

## **Chile serviu como fonte de inspiração para último trabalho**

**Espectáculo, ainda sem título definido, estreou em 12 de junho, em Wuppertal, na Alemanha.**

01 de julho de 2009 | O Estado de São Paulo

**por Marina Guzzo**

Com a morte da coreógrafa alemã Pina Bausch, uma tristeza invade o mundo das artes cênicas. Aos 68 anos, a diretora do Tanztheater Wuppertal estava num momento especial de sua já consagrada carreira: um novo espetáculo estreou no dia 12 de junho na cidade de Wuppertal, Alemanha, onde sua companhia tem residência. O trabalho, ainda sem título (como sempre foram os novos espetáculos) tem como inspiração o Chile. Essa foi a segunda vez que a coreógrafa visitou um país da América Latina em suas criações - o trabalho do ano 2001 foi no Brasil que ganhou o nome de Água.

Sua fórmula foi repetida: viajou com seus bailarinos para um país exótico, ficou por um tempo "imersa" no que considerava "campo" observando jeitos, cores, cheiros, festas e qualquer comportamento que servisse para construir sentido em dança e na volta construiu um espetáculo que tem como fonte o "material" recolhido e transformado pelos corpos dos bailarinos. Uma forma de pesquisar a dança que faz jus à sua preocupação de não olhar "como as pessoas se movem, mas sim o que move as pessoas".

Bem recebido pela crítica europeia, o espetáculo, assim como os outros de sua companhia, está repleto de mulheres sensuais, em seus vestidos coloridos, músicas incríveis (incluindo o chileno Victor Jara) e cenários exuberantes (o chão se abre e se move em vários pedaços). A coreógrafa que foi a fundadora do que chamamos hoje de dança-teatro, produziu dessa maneira um resultado que tem a beleza como argumento central do trabalho. A beleza inclusive, era o que movia seu trabalho. Pina Bausch acreditava que era disso que o mundo precisava hoje e produziu seus últimos espetáculos apoiada nessa ideia.

A novidade de sua última criação foi a apresentação de bailarinos muito jovens, alguns estreantes nos processos criativos propostos por ela. Entre outros membros mais antigos da companhia, está presente no trabalho Dominique Mercy, bailarino que participou da criação de Café Müller (1978) e que ainda consegue se destacar por sua dança impecável,

característica da pesquisa que desenvolveu ao lado de Pina Bausch durante todos esses anos.

No grupo de novos bailarinos que participaram do último trabalho de Pina Bausch está a brasileira Morena Nascimento. O percurso de Morena interessa, não somente por sua participação no que hoje podemos considerar uma das maiores companhias de dança contemporânea do mundo, mas também por seu trabalho como criadora e coreógrafa, que sempre apresentou um diferencial na cena contemporânea brasileira. Morena nasceu em Minas, mas cresceu em Campinas onde também cursou a faculdade da dança (Unicamp). Recém-formada, voltou para Minas para integrar o Primeiro Ato, onde participou da criação de Sem Lugar, de Tuca Pinheiro (2002) entre outras do grupo mineiro Primeiro Ato. Desde então cria e apresenta diversas obras coreográficas como, Sexo, Amor e Outros Acidentes (2005 - Prêmio APCA Criação Intérprete nesse ano) e Lady Marmelade (2008).

Em 2006 ingressou na Folkwang Hochschule em Essen, escola que sempre teve proximidade com Pina Bausch e que tem como professores célebres bailarinos de sua companhia como Malou Airaud. A qualidade técnica de sua dança, porém, não é o que a faz tão especial. Morena é uma artista que oferece uma imensidão de imagens poéticas quando dança, se movimenta ou realiza qualquer ação cênica (nesse trabalho ela canta e também come cuscuz embaixo da mesa além de dançar).

Deve-se a isso, o fato de que ela ganhou espaço a cada dia que trabalha para Pina Bausch, conhecedora do potencial de um corpo que dança. Em conversa por telefone com Morena Nascimento, encontrei o discurso articulado de uma artista que relaciona a experiência na Alemanha com sua história, sua origem e seus próprios desejos. Ela relata que foi esse justamente o material de trabalho da coreógrafa alemã: as experiências de vida dos bailarinos e como eles apresentavam temas propostos pela criação. O mundo perde uma grande artista que mudou a maneira de se fazer e pensar dança, espalhando e espelhando a beleza do mundo.

**Marina Guzzo é bailarina, pesquisadora e professora da UNIFESP-Campus Baixada Santista.**